

Reflexões acerca da lesbianidade: a literatura como um espaço de (re)existência da subjetividade lésbica na contemporaneidade

Alessa Francine Silva¹

Resumo: Atualmente, observa-se um crescente interesse em abordar temas relacionados à tríade gênero, sexo e sexualidade em diversos tipos de produção – audiovisual, acadêmico-científica e literária, por exemplo. No entanto, ainda é possível observar certa lacuna no que diz respeito às produções envolvendo a realidade de mulheres lésbicas e as relações estabelecidas entre estas. Diante essa problemática, no âmbito da literatura brasileira contemporânea, mulheres lésbicas passam a criar espaços próprios a fim de retratar suas realidades, de modo a se autorrepresentarem tanto como escritoras quanto como personagens de suas narrativas literárias. Dessa maneira, a partir de tais práticas, o caráter político e representativo da literatura é evidenciado. Este texto, portanto, visa analisar o modo como mulheres lésbicas são retratadas em materiais literários contemporâneos. Para tanto, serão utilizados como *corpora* dois poemas escritos por Maria Isabel Iorio, poeta e artista visual carioca, bem como uma entrevista, realizada em 2017, da escritora e jornalista Dara Bandeira à *Folha de Pernambuco*. A partir dessas produções mais recentes, o presente texto visa ainda observar como as representações contemporâneas da lesbianidade e da figura lésbica são distintas de retratos mais antigos.

Palavras-chave: Lesbianidade, Literatura contemporânea, Representatividade, Subjetividade lésbica.

Reflections on lesbianism: literature as a space of (re)existence of lesbian subjectivity in the contemporary days

Abstract: Currently, it is possible to observe a growing interest in addressing themes related to the triad of gender, sex and sexuality in distinct types of production – as audiovisual, academic, scientific and literary materials, for example. However, it is still possible to notice a certain gap concerning the productions that involve the reality of lesbian women as well as the relationships established between them. In face of this issue, in the context of contemporary Brazilian literature, lesbian women has begun to create their own spaces in order to portray their realities, aiming to represent themselves both as writers and as characters in their literary narratives. From these attitudes, the political and representative aspect of literature is evidenced. This paper, therefore, aims to analyze how lesbian women are portrayed in contemporary literature. In order to achieve this objective, two poems written by Maria Isabel Iorio, a poet and visual artist from Rio de Janeiro, will be used as the *corpora*. In addition to this, an interview from 2017 with the writer and journalist Dara Bandeira to *Folha de Pernambuco* also composes the *corpora*. In this sense, from these current productions, it is intended to observe how these contemporary representations differ from older portrayals.

Keywords: Lesbianism, Contemporary literature, Representativeness, Lesbian subjectivity.

Artigo recebido em 30/07/2019 e aceito em 12/10/2019

REFLEXÕES ACERCA DA LESBIANIDADE: A LITERATURA COMO UM ESPAÇO DE (RE)EXISTÊNCIA DA SUBJETIVIDADE LÉSBICA NA CONTEMPORANEIDADE

ALESSA FRANCINE SILVA

A pesquisa é a atividade que precede a escrita: para tratar de determinado tema, é necessário pesquisá-lo. A tarefa de pesquisar é fundamental para adquirir conhecimento e, conseqüentemente, ser capaz de introduzir, desenvolver e, na maioria das vezes, apresentar uma conclusão acerca do que foi produzido sobre o tema em questão. Escrever sobre a mulher lésbica, por sua vez, é escrever sobre o desconhecido. Consiste, portanto, em um exercício de alto grau de dificuldade, uma vez que a existência lésbica é atravessada por ausências: de representação, produção de conhecimento, historicidade.

Em *O lesbianismo no Brasil* (1987), Luiz Mott busca levantar informações acerca da existência da mulher lésbica no Brasil, a fim de contribuir para a produção do conhecimento histórico sobre essa figura marcada por ausências, colaborando, dessa maneira, para a construção de uma identidade lésbica no país. Como constata o autor, o discurso eclesiástico, propagado durante o período colonial no Brasil, corroborou a concepção de práticas sexuais, afetivas e eróticas entre pessoas do mesmo sexo como pecados nefandos. De acordo com a definição presente no Dicionário Online de Português, o adjetivo “nefando” designa “o que não se pode nem se deve falar (por causar aversão); que é abominável; execrável.”. Assim sendo, as relações entre pessoas do mesmo sexo são atravessadas por práticas de silenciamento há muito tempo, uma vez que o adjetivo a elas relacionadas impõe o ato de omitir e, mais que isso, de calar. No que diz respeito à escassez de registros sobre a homossexualidade no Brasil, Mott afirma o seguinte:

Se a documentação sobre a história dos sodomitas é rara e lacunosa, as informações sobre o amor entre mulheres são ainda muitíssimo menos numerosas, fragmentárias, quando não inexistentes. [...] No caso do lesbianismo a falta de documentação se deve mais à cegueira, indiferença e preconceito dos homens face à sexualidade feminina, considerada assunto de menor importância e indigno da atenção do sexo forte.^{II}

O silêncio que circunda a lesbianidade, portanto, envolve o silenciamento de duas categorias: em primeiro lugar, da mulher. Cláudia Freitas de Oliveira (2015)^{III} observa que as questões referentes às mulheres passaram a ser abordadas pela academia, no Brasil, somente a partir da década de 1980. Assim, a dificuldade em tematizar a mulher lésbica deriva, em partes, da dificuldade em tomar a figura da mulher como objeto de pesquisa. Havendo a escassez de estudos a respeito da mulher, certamente haverá lacunas na tematização da mulher lésbica. Desse modo, o silêncio quanto à figura feminina perpassa o não desdobramento de questões relacionadas à existência lésbica, contribuindo para o silenciamento desta categoria.

No Brasil – mais especificamente em Julho de 2018 –, a lésbica como objeto de estudo está presente em 15.300 resultados encontrados em 0,08 segundos na ferramenta de pesquisa acadêmica Google Scholar. Ao digitar a palavra “lésbica” no instrumento utilizado para pesquisas diversas, denominado somente Google, obtém-se 10.500.000 resultados em 0,29 segundos. Os dez resultados exibidos na primeira página correspondem exclusivamente a vídeos pornográficos. A partir da segunda página, é possível encontrar resultados diversificados, saindo do escopo da pornografia. No entanto, é notável que a maioria dos resultados consiste em materiais desse gênero, além de notícias sobre pessoas “curadas” da homossexualidade devido a milagres religiosos ou estupros corretivos. De fato, os vídeos pornográficos e as notícias que retratam a violência contra a mulher lésbica não correspondem aos 10.500.000 resultados exibidos ao utilizar “lésbica” como palavra-chave para pesquisa. Contudo, é possível verificar que são esses a maioria. A discrepância existente entre os resultados obtidos nas ferramentas Google Scholar e Google fornece uma demonstração do tratamento dado à mulher lésbica no Brasil, cuja imagem é constituída a partir da fetichização^{IV}

REFLEXÕES ACERCA DA LESBIANIDADE: A LITERATURA COMO UM ESPAÇO DE (RE)EXISTÊNCIA DA SUBJETIVIDADE LÉSBICA NA CONTEMPORANEIDADE

ALESSA FRANCINE SILVA

de suas práticas e de sua própria identidade. A lógica machista e lesbofóbica concebe as práticas de lesbianidade como mecanismos de servidão ao prazer do homem heterossexual. A historiadora Minisa Napolitano^V destaca o seguinte comentário de Pierre Bourdeille (1540 – 1614):

Algumas mulheres preferiam umas às outras para não engravidar e não perder a honra ou a virgindade. Outras eram mulheres que usavam outras para não perder a arte de fazer amor com homens, porque esse exercício não passava de uma aprendizagem para alcançar o amor maior dos homens. E o que elas conseguiam de outras mulheres eram apenas estímulos para irem se satisfazer com homens. Diante disso, as relações sexuais entre mulheres poderiam ter apenas um objetivo, aprimorar e glorificar o sexo de verdade, isto é, o sexo com um homem.

O discurso acima, proferido no século XVI, ainda se faz presente na contemporaneidade. A lesbianidade continua a ser recorrentemente interpretada como uma alternativa ao desprezo masculino ou uma espécie de iniciação à heterossexualidade.

A fala de Dave Daubenmire – ativista religioso estadunidense – acerca de uma suposta justificativa para a existência de mulheres lésbicas reflete a presença de ideias semelhantes àquelas propagadas há cinco séculos. Em seu canal do YouTube, denominado *CoachDave.TV*, Daubenmire realizou uma transmissão ao vivo, em 20 de novembro de 2018, afirmando o seguinte:

Algumas das mulheres que vejo lutando por direitos femininos teriam dificuldade para encontrar um homem. [...] Eu vejo a cultura e a nação famintas por sexo em que vivemos e eu entenderia agora o porquê uma mulher não atraente poderia se atrair por outra mulher não atraente, porque, de verdade, para as duas provavelmente é difícil encontrar um homem para amá-las. (Tradução Nossa)^{VI}

Semelhantemente ao comentário de Pierre Bourdeille anteriormente mencionado, a fala de Daubenmire evidencia uma perspectiva heteronormativa e falocêntrica acerca das relações afetivas, eróticas e sexuais estabelecidas entre os seres humanos. De acordo com essa perspectiva, a homossexualidade – bem como outras práticas e performances sexuais, de gênero e de sexualidade – é “estigmatizada como antinatural, anormal e abjeta em benefício da estabilidade das práticas de produção do natural”^{VII}, como observa a filósofa Beatriz Preciado em sua obra *Manifesto Contrassexual* (2014).

Ao considerar a afirmação de Preciado e a visão a respeito da sexualidade presente tanto no discurso do século XVI quanto no discurso mais contemporâneo proferido no século XXI, nota-se que as práticas heterossexuais e o falocentrismo foram e continuam sendo tomadas como o que é natural por determinados segmentos da sociedade. Em contrapartida, comportamentos que se distanciam de tais práticas e ideais são qualificados, como aponta Preciado, de maneira pejorativa. Dessa maneira, em uma matriz de pensamento heteronormativa e falocêntrica, a lesbianidade tende a ser compreendida como uma espécie de caminho face ao desprezo masculino, como defende Daubenmire em sua postagem de 2018.

Dentro de uma lógica heteronormativa e falocêntrica, além de ser renegada – por meio de justificativas preconceituosas, como a de Daubenmire— a lesbianidade pode também ser tolerada caso sirva como uma prática facilitadora do gozo do homem heterossexual. Em muitos casos, é a partir dessa perspectiva que a mulher lésbica tem sua imagem idealizada, hiperssexualizada e fetichizada. Dessa maneira, parte da existência lésbica é construída com

REFLEXÕES ACERCA DA LESBIANIDADE: A LITERATURA COMO UM ESPAÇO DE (RE)EXISTÊNCIA DA SUBJETIVIDADE LÉSBICA NA CONTEMPORANEIDADE

ALESSA FRANCINE SILVA

base em uma fantasia, na qual seu sexo ou proporciona prazer ao Outro – este sendo o homem heterossexual –, ou serve de treino para práticas heterossexuais futuras.

De acordo com essa perspectiva, a lesbianidade passa a ser construída a partir de um imaginário heterossexual masculino, o qual, não raramente, concebe a mulher lésbica com base em uma dicotomia: primeiramente, a lésbica que corresponde aos padrões de feminilidade, objeto de prazer. Em oposição a ela, geralmente há a idealização da lésbica masculinizada, que deseja ocupar a posição do homem e ser detentora de um pênis, ou seja, a mulher que recorreu à lesbianidade devido a alguma rejeição masculina. Em ambos os casos, a lésbica é construída tomando como ponto de partida a imagem da heterossexualidade masculina.

Não existe um lado privilegiado, como alguns chegam a defender: a lésbica feminina não é menos oprimida do que a lésbica masculina por agradar, de certo modo, ao imaginário masculino. Dentro de uma lógica heteronormativa e falocêntrica, é o contrário que ocorre. Assim, sua vivência é atravessada por processos de opressão e deslegitimação de seus afetos – sua lesbianidade é compreendida como prática majoritariamente sexual, não afetiva. A lésbica que se opõe à feminilidade, por sua vez, em muitas situações tem sua existência diagnosticada como uma patologia. Afinal, é possível que uma mulher não deseje, não se sinta atraída romântica e sexualmente por um homem? Novamente, de acordo com uma perspectiva heteronormativa e falocêntrica de comportamento, a resposta a essa pergunta será negativa.

Contudo, o contrário é possível: um homem pode renegar uma mulher – principalmente se ela não se enquadra aos pressupostos da feminilidade. Como afirma Virginia Despentes em seu livro *Teoria King Kong* (2016): “Não gostar das mulheres, para um homem, é uma atitude. Não gostar dos homens, para uma mulher, é uma patologia.”^{VIII}. A lésbica que renega aquilo que é considerado feminino e não se atrai pelo homem deve, de acordo com uma perspectiva heteronormativa e falocêntrica, ser colocada sob intervenção – especialmente médica. O processo que envolve a medicalização pode ser atravessado tanto por internações em hospitais psiquiátricos, pela administração de medicamentos, por sessões de terapia de “cura gay” ou, ainda, por atos mais cruéis ao corpo da mulher lésbica^{IX}: o estupro corretivo. A patologização da lesbianidade corresponde a uma das maneiras encontradas pelo homem de justificar o não-desejo da mulher pela imagem masculina.

Em muitos casos, é dessa maneira que a figura lésbica, no Brasil, quando representada – seja na literatura^X, seja nas artes em geral – aparece: a partir da dicotomização lésbica feminina *versus* lésbica masculina. A representação da mulher lésbica, portanto, não corresponde ao real na maioria das produções literárias que ousaram tratar desse tema, as quais se pautaram em ideais heteronormativos de relacionamentos. Isto é, mesmo que a relação seja composta por duas mulheres, uma reproduz o papel atribuído à mulher enquanto a outra reproduz o papel atribuído ao homem. Assim, ainda que houvesse, raramente, a tematização da mulher lésbica, esta continuava a ser perpassada por práticas de silenciamento, normatização e negação de identidade.

Na contemporaneidade, diante às práticas de omissão e silenciamento da figura lésbica na esfera literária, assim como em outras dimensões do cotidiano, um dos mecanismos de (re)existência da subjetividade lésbica corresponde à circulação de textos de temática lésbica via plataformas online. Com o intuito de divulgar produções feitas por mulheres e para mulheres, criam-se páginas no Facebook, colunas no Medium, escrevem-se posts no Blogspot, assim como em outros websites destinados ao compartilhamento de textos pertencentes aos

REFLEXÕES ACERCA DA LESBIANIDADE: A LITERATURA COMO UM ESPAÇO DE (RE)EXISTÊNCIA DA SUBJETIVIDADE LÉSBICA NA CONTEMPORANEIDADE

ALESSA FRANCINE SILVA

mais diversos gêneros. Assim, é possível encontrar contos, poemas e ensaios, por exemplo, publicados por escritoras, estudantes, poetisas^{XI}. A iniciativa *Mulheres que Escrevem*^{XII} corresponde a um dos espaços virtuais criados a fim de divulgar a produção textual autônoma de mulheres brasileiras, assim como indicar, resenhar e traduzir obras de outras autoras, nacionais ou não. A principal demanda das escritoras lésbicas, cujos textos foram publicados em *Mulheres que Escrevem*, consiste em reivindicar a representatividade da figura lésbica na literatura, corroborando a afirmação “O pessoal é político”, feita por Tatiana Pequeno na página 52 de seu artigo *Poesia, performance e feminismo: (re)visões da contemporaneidade*^{XIII}.

Maria Isabel Iorio, poeta lésbica, artista visual e autora de *Em que pensaria quando estivesse fugindo* (2016), é uma das mulheres que publicaram seus escritos em *Mulheres que Escrevem*. Em 2017, no dia 29 de agosto – data em que se comemora o dia da Visibilidade Lésbica –, Iorio publicou uma série de cinco poemas sem título na referida plataforma online. Neste momento, propõe-se a leitura de um desses poemas: “uma mulher sobre outra mulher / não é preliminar / é pré histórico”^{XIV}. Primeiramente, torna-se necessário acionar uma declaração de Beatriz Preciado, presente em seu livro *Manifesto Contrassexual* (2014): o processo de diferenciação sexual entre homens e mulheres permite “privilegiar o pênis como o único centro mecânico de produção de impulso sexual.”^{XV}.

Retornando ao poema de Iorio, é possível notar uma crítica a esse privilégio atribuído ao falo. Usa-se, recorrentemente, o argumento de que somente o pênis é capaz de proporcionar prazer sexual à mulher – dessa maneira, práticas sexuais entre mulheres são deslegitimadas, compreendidas como preliminares, isto é, “práticas eróticas que antecedem uma relação sexual.”, de acordo com a definição apresentada no Dicionário Online de Português. Contrariando uma perspectiva falocêntrica quanto ao sexo, Iorio estabelece as relações sexuais lésbicas como práticas sexuais genuínas, semelhantemente às práticas heterossexuais, ao declarar, na linha 2, que o encontro sexual de duas mulheres “não é preliminar”. Além disso, na terceira e última linha do poema, a autora ainda reivindica o reconhecimento da lesbianidade como uma prática natural do ser humano, existente desde a pré-história. Desse modo, é com três linhas que Iorio questiona e critica toda uma rede de poderes e saberes produzidos em relação ao sexo, à lesbianidade e à figura lésbica.

Propõe-se também a leitura de outro poema de Iorio, exposto a seguir: “uma mulher / para amar uma mulher / é preciso comer com as mãos”^{XVI}. Mais uma vez, por meio de sua poética, a autora se posiciona contra uma visão falocêntrica do sexo, referindo-se, na linha 3, à utilização das mãos em relações sexuais lésbicas, sem a necessidade do órgão sexual masculino. Na verdade, de acordo com o poema, o que é considerado necessário na prática sexual entre duas mulheres são as mãos. Tal necessidade é marcada pelo uso da forma composta verbal “é preciso”. Assim, a lógica da heterossexualidade é corrompida, uma vez que a presença de um pênis deixa de ser requisito para a consolidação do ato sexual.

Dara Bandeira é outra escritora, além de jornalista, que também utilizou o espaço *Mulheres que Escrevem* para publicar uma de suas produções literárias – o texto “Prece”, em 08 de novembro de 2017, o qual, diferentemente dos poemas de Iorio, não tematiza a mulher lésbica. Em entrevista ao jornal *Folha de Pernambuco*, em julho de 2017, ao comentar sobre o lançamento de seu primeiro livro, *Carta a uma paixão simples* (2017), a autora falou sobre a necessidade de tratar da mulher, da negra e da lésbica na literatura. Assim, Bandeira afirmou:

Decidi publicar quando percebi que representatividade importa. Comecei a ter acesso à literatura de várias autoras negras importantes, por vezes invisibilizadas, mas que

REFLEXÕES ACERCA DA LESBIANIDADE: A LITERATURA COMO UM ESPAÇO DE (RE)EXISTÊNCIA DA SUBJETIVIDADE LÉSBICA NA CONTEMPORANEIDADE

ALESSA FRANCINE SILVA

chegaram até mim como um afago na alma. [...] Vivemos em uma sociedade que cultua obras de homens brancos ou embranquecidos pelo sistema. E não queremos dizer que essas obras são ruins. Não são. Mas existem outras coisas acontecendo. Existem mulheres, aos montes, com conteúdos maravilhosos engavetados, sufocados. Existem mulheres negras também, querendo escrever e publicar suas vivências. A hora é agora. Abram os portões.^{XVII}

A fala da autora evidencia a importância da representatividade na produção literária. Essa representatividade não corresponde somente à presença de personagens mulheres, negras, lésbicas, transexuais, etc. na literatura sendo retratadas por escritores heterossexuais e brancos. Ao contrário, a representatividade exige que o público até então marginalizado ocupe o espaço de agente da literatura, não apenas de objeto a ser observado e descrito. Bandeira, portanto, aponta para a relação entre o agente produtor da literatura e seu produto: a literatura se transforma em um registro da vivência daquele que a escreve, havendo, assim, uma relação de aproximação entre escritor e escrita. Preciado também se posiciona a favor do indivíduo como autor de seu próprio corpo, suas próprias vivências, ao afirmar:

Quando a contrassexualidade fala do sistema sexo/ gênero como de um sistema de escritura, ou dos corpos como textos, não propõe, com isso, intervenções políticas abstratas que se reduziriam a variações de linguagem. [...] O que é preciso fazer é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições. Não se trata de substituir certos termos por outros. Não se trata nem mesmo de se desfazer das marcas de gênero ou das referências à heterossexualidade, mas sim de modificar as posições de enunciação.^{XVIII}

Ao propor a modificação das “posições de enunciação”, a autora sugere que a hegemonia envolvendo o processo de enunciação seja transgredido. Ou seja, é proposto que a lésbica, o gay, o (a) transexual, *queer*, etc. façam uso da palavra a fim de reivindicar suas identidades – contrariamente ao processo comumente ocorrido, no qual a identidade de tais indivíduos é delimitada pelo Outro, detentor do poder proveniente da palavra e da ação de denominar seres, de classificar identidades e existências em uma relação de afastamento daquilo considerado estranho, indesejável, nefando.

Despentes afirma que o ato de escrever, enquanto mulher, corresponde a:

Romper os limites, fazer o que não se deve, mostrar sua intimidade, se expor aos perigos do julgamento de todos, aceitar sua exclusão do grupo. Como mulher, particularmente: transformar-se em uma mulher pública. Ser lida por todo mundo, falar do que deveria continuar em segredo, ser exibida nos jornais. Em clara oposição com o lugar que tradicionalmente nos é reservado: mulher privada, propriedade, metade, uma sombra do homem.^{XIX}

Tal transgressão se materializa, inevitavelmente, nas ações da mulher lésbica que escreve sobre si mesma, registrando sua existência, transformando sua afetividade, sexualidade e seu erotismo em ato político. As esferas do pessoal e do político são mescladas, a literatura passa a ser um meio de ecoar gritos de resistência, de exibir subjetividade com base no real, na experiência. Para concluir, ainda nas palavras de Despentes:

Querer ser um homem? Sou melhor do que isso. Não dou a mínima para o pênis. Não dou a mínima para a barba e para a testosterona, tenho tudo que preciso em termos de agressividade e coragem. Mas é claro que quero tudo, como um homem, num mundo de homens, quero desafiar a lei. Frontalmente. Sem intermediários, sem pedir desculpa. Quero mais do que me foi prometido no início. Não quero que me calem. Não quero que me expliquem o que posso fazer.^{XX}

REFLEXÕES ACERCA DA LESBIANIDADE: A LITERATURA COMO UM ESPAÇO DE (RE)EXISTÊNCIA DA SUBJETIVIDADE LÉSBICA NA CONTEMPORANEIDADE

ALESSA FRANCINE SILVA

A partir do fragmento acima, a autora evidencia e denuncia a existência de uma lógica falocêntrica, a qual rege determinados preceitos acerca de como mulheres e homens devem se comportar. Apesar de não desejar ser biológica e sexualmente um homem, Despentes afirma querer ser como um homem. Ou seja, deseja ser mulher — renega a barba, a testosterona e o falo —, porém uma mulher passível de exercer os mesmos privilégios ofertados aos homens. Deseja, portanto, ser uma mulher que possa demonstrar sua agressividade e sua coragem — características interpretadas como negativas quando relacionadas a mulheres, mas, quando usadas para descrever homens, positivas. Deseja ainda poder desafiar regras impostas utilizando-se de sua própria voz feminina, sem um intermediário e, além disso, sem precisar justificar sua ânsia por modificar alguma lei. Deseja, sobretudo, poder exprimir sua própria voz.

Desse modo, a ânsia de Despentes não é particular, mas coletiva: deseja para si, bem como para todas as mulheres, tais habilidades. E, ao mesmo tempo, a categoria feminina também toma para si tal querer. A partir desse desejo, o qual é também uma necessidade, mulheres passam, diariamente, a construir seus próprios espaços de enunciação. A rua, o ambiente virtual e, dentre outros, também a literatura se tornam locais de emancipação, existência e resistência, tanto em termos de gênero, quanto de sexo, sexualidade, etnia, etc. As mulheres, dotadas de seu espaço, fazem com que ouvidos e olhos se abram para sua escrita. E a escrita, dotada de um caráter representativo, pessoal e político torna-se uma fonte de discussões e troca de saberes sobre esse Outro — a mulher, a lésbica — que, por tanto tempo, foi sujeitado ao silêncio ou ao fetiche idealizado.

Notas

^I Graduanda em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: alessa_fs@hotmail.com

^{II} MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 8.

^{III} Cf.: OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania**. Les Online, [Lisboa], v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015. Disponível em <<<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20169>>>. Acesso em 30/06/2018 às 22:34.

^{IV} Compreende-se por fetichização a “ação de reduzir a fetiche, de transformar algo ou alguém num objeto erotizado ou usado para saciar os desejos de alguém.”, conforme definição encontrada no Dicionário Online de Português <<<https://www.dicio.com.br/fetichizacao/>>>.

^V NAPOLITANO, Minisa Nogueira. A Sodomia Feminina na Primeira Visitação do Santo Ofício ao Brasil. **Revista História Hoje**, São Paulo, n.3, 2004. Disponível em: <<https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=32>>. Acesso em 01/07/2018 às 15:30.

^{VI} Some of the women that I see fighting for women’s rights would have a hard time finding a man. [...] I look out at our sex-starved culture and the sex-starved nation in which we live and I would understand now why an unattractive woman might be drawn to an unattractive woman because, really, [for] both of them probably it’s hard to find a man to love them. In: “Pass the Salt Live | 11.20.2018”. Postado por Dave Daubenmire em **CoachDave.TV**. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=WpRYV8ITXtI>>>. Acesso em 11/10/2019 às 15:43.

^{VII} PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**; tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014, p. 30.

^{VIII} DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**; tradução de Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016, p. 99.

^{IX} A palavra “lésbica” é aqui utilizada uma vez que a mulher lésbica é tomada como tema neste trabalho. No entanto, práticas violentas de estupro corretivo não são aplicadas somente a mulheres lésbicas, mas sim a todas as mulheres que, de alguma maneira, opõem-se à heterossexualidade, como as mulheres bissexuais, por exemplo.

REFLEXÕES ACERCA DA LESBIANIDADE: A LITERATURA COMO UM ESPAÇO DE (RE)EXISTÊNCIA DA SUBJETIVIDADE LÉSBICA NA CONTEMPORANEIDADE

ALESSA FRANCINE SILVA

^X A título de exemplo, há o conto “**História de gente alegre**” (1910), de João do Rio; **Ciranda de Pedra** (1926) e **As Meninas** (1973), livros de Lygia Fagundes Telles e também “**A uma dama que macheava outras mulheres**”, de Gregório de Matos, considerado o primeiro poema a tratar de questões homoeróticas entre mulheres.

^{XI} O termo “poeta”, no lugar de “poetisa”, será utilizado para se referir a mulheres, uma vez que as próprias se referem a si mesmas de tal modo.

^{XII} A iniciativa **Mulheres que Escrevem** foi criada há 2 anos. A divulgação de textos era feita, a princípio, exclusivamente no endereço eletrônico <<<https://medium.com/mulheres-que-escrevem>>>. Atualmente, o projeto possui perfis em redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter, além de promover encontros físicos.

^{XIII} PEQUENO, Tatiana. Poesia, performance e feminismo: (re)visões da contemporaneidade. **Revista da Rede Internacional Lyracompoetics**, v. 10, p. 47-53, 2017.

^{XIV} IORIO, Maria Isabel. “Uma mulher sobre outra mulher”. In: **Mulheres que Escrevem**, 2017. Disponível em <<<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/estudo-da-tracao-na-sutileza-da-diferenca-7f9ead0db2e9>>>. Acesso em 06/07/2018 às 21:10.

^{XV} PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**; tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014, p. 26.

^{XVI} IORIO, Maria Isabel. “Uma mulher”. In: **Mulheres que Escrevem**, 2017. Disponível em <<<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/estudo-da-tracao-na-sutileza-da-diferenca-7f9ead0db2e9>>>. Acesso em 06/07/2018 às 21:17.

^{XVII} FOLHA DE PERNAMBUCO, **Primeiro livro da jornalista Dara Bandeira fala do amor sem medo de ser pueril**, 2017. Disponível em <<<https://www.folhape.com.br/diversao/diversao/literatura/2017/07/11/NWS,34025,71,585,DIVERSAO,2330-PRIMEIRO-LIVRO-JORNALISTA-DARA-BANDEIRA-FALA-AMOR-SEM-MEDO-SER-PUERIL.aspx>>>. Acesso em 10/06/2018 às 13:24.

^{XVIII} PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**; tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014, p. 27.

^{XIX} DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**; tradução de Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016, p. 72.

^{XX} DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**; tradução de Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016, p. 117.

Fontes

FOLHA DE PERNAMBUCO, **Primeiro livro da jornalista Dara Bandeira fala do amor sem medo de ser pueril**, 2017. Disponível em <<<https://www.folhape.com.br/diversao/diversao/literatura/2017/07/11/NWS,34025,71,585,DIVERSAO,2330-PRIMEIRO-LIVRO-JORNALISTA-DARA-BANDEIRA-FALA-AMOR-SEM-MEDO-SER-PUERIL.aspx>>>. Acesso em 10/06/2018 às 13:24.

IORIO, Maria Isabel. “Uma mulher sobre outra mulher”. In: **Mulheres que Escrevem**, 2017. Disponível em <<<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/estudo-da-tracao-na-sutileza-da-diferenca-7f9ead0db2e9>>>. Acesso em 06/07/2018 às 21:10.

IORIO, Maria Isabel. “Uma mulher”. In: **Mulheres que Escrevem**, 2017. Disponível em <<<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/estudo-da-tracao-na-sutileza-da-diferenca-7f9ead0db2e9>>>. Acesso em 06/07/2018 às 21:17

REFLEXÕES ACERCA DA LESBIANIDADE: A LITERATURA COMO UM ESPAÇO DE (RE)EXISTÊNCIA DA SUBJETIVIDADE LÉSBICA NA CONTEMPORANEIDADE

ALESSA FRANCINE SILVA

Referências Bibliográficas

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**; tradução de Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NAPOLITANO, Minisa Nogueira. “A Sodomia Feminina na Primeira Visitação do Santo Ofício ao Brasil”. **Revista História Hoje**, São Paulo, n.3, 2004. Disponível em: <<https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=32>>. Acesso em 01/07/2018 às 15:30.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. “**A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania**”. *Les Online*, [Lisboa], v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015. Disponível em <<<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20169>>>. Acesso em 30/06/2018 às 22:34.

PEQUENO, Tatiana. “Poesia, performance e feminismo: (re)visões da contemporaneidade”. **Revista da Rede Internacional Lyra** *compoetics*, v. 10, p. 47-53, 2017.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**; tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.